

Carlos Ruiz Zafón

O Labirinto dos Espíritos

Tradução
Mário Dias Correia



Grupo  Planeta

PLANETA MANUSCRITO
Rua do Loreto, n.º 16 – 1.º Direito
1200-242 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2016, Corelliana, S.L.
© 2016, Editorial Planeta, S.A.
© 2016, Planeta Manuscrito

Título original: *El Laberinto de los Espíritus*

Revisão: Fernanda Fonseca

Paginação: Guidesign

1.ª edição: Outubro de 2016

Depósito legal n.º 416 838/16

ISBN: 978-989-657-849-7

Impresso em Espanha

www.planeta.pt

Fotografias do miolo:

Dies Irae: Vista aérea de Barcelona, 17 de Março de 1938, Archivo Storico dell'Aeronautica Militare Italiana
Kyrie: Contraluz nas calçadas de la Gran Vía de Madrid, 1953 © Fons Fotogràfic F. Català-Roca – Arxiu Històric del Col·legi d'Arquitectes de Catalunya

A Cidade dos Espelhos: «Dia do livro, 1932», Barcelona © Gabriel Casas i Galobardes. Fons Gabriel Casas de l'Arxiu Nacional de Catalunya

Os Esquecidos: Eléctrico da linha 12 (no cruzamento da Avenida Diagonal com a Avenida Sarrià), 1932-1934, Barcelona © Gabriel Casas i Galobardes. Fons Gabriel Casas de l'Arxiu Nacional de Catalunya © Núria Casas – ANC

Agnus Dei: Contraluz na Estación de Atocha, Madrid, 1953 © Fons Fotogràfic F. Català-Roca – Arxiu Històric del Col·legi d'Arquitectes de Catalunya

Liberta-me: Elegância na Gran Vía de Madrid, 1953 © Fons Fotogràfic F. Català-Roca – Arxiu Històric del Col·legi d'Arquitectes de Catalunya

23-4-1960: Calle del Bisbe. Barcelona, 1973 © Fons Fotogràfic F. Català-Roca – Arxiu Històric del Col·legi d'Arquitectes de Catalunya

FRANCESC CATALÀ-ROCA (Valls, 1922 - Barcelona, 1998) é um dos grandes fotógrafos do século XX; as atmosferas que retrata e mantém uma grande afinidade com o universo literário de Carlos Ruiz Zafón.

GABRIEL CASAS (Barcelona, 1892-1973) foi um dos grandes fotojornalistas do período de entre-guerras, usando técnicas inovadoras. Castigado no pós-guerra, a sua obra foi recuperada recentemente.



O Cemitério dos Livros Esquecidos

ESTE livro integra um ciclo de romances que se enredam no universo literário do Cemitério dos Livros Esquecidos. Os romances que fazem parte deste ciclo interligam-se através de personagens e fios argumentais, que estendem pontes narrativas e temáticas, ainda que cada um se constitua como uma história fechada, independente e válida por si só.

Os diferentes títulos relativos à série do Cemitério dos Livros Esquecidos poderão ser lidos por qualquer ordem ou separadamente, permitindo ao leitor explorar e aceder ao labirinto de histórias através de diferentes portas e caminhos que, quando interligados, o irão conduzir ao coração da narrativa.

Este romance é uma obra de ficção. Os quatro tomos do Cemitério dos Livros Esquecidos, ainda que estejam inspirados na Barcelona do século xx, não são uma exceção. Em várias ocasiões a fisionomia ou cronologia de alguns cenários, marcas ou circunstâncias foi adaptada à lógica narrativa para que, por exemplo, Fermín possa degustar os seus queridos *Sugus* uns anos antes de serem popularizados ou algumas das personagens apear-se sob a grande abóbada da Estación de Francia.

O Livro de Daniel

1

NAQUELA noite sonhei que voltava ao Cemitério dos Livros Esquecidos. Voltava a ter dez anos e acordava no meu antigo quarto para sentir que a recordação do rosto da minha mãe me tinha abandonado. E desse modo como se sabe as coisas nos sonhos, sabia que a culpa era minha e só minha, porque não merecia recordá-lo, porque não fora capaz de lhe fazer justiça.

Pouco depois aparecia o meu pai, alertado pelos meus gritos de angústia. O meu pai, que no sonho ainda era novo e ainda guardava todas as respostas do mundo, abraçava-me para me consolar. Depois, quando as primeiras luzes pintavam uma Barcelona de vapor, saíamos para a rua. O meu pai, por qualquer motivo que não conseguia compreender, só me acompanhava até ao portal. Ali largava-me a mão e dava-me a entender que aquela era uma viagem que eu precisava de fazer sozinho.

Começava a andar, mas lembro-me de que me pesava a roupa, os sapatos e até a pele. Cada passo que dava exigia mais esforço do que o anterior. Ao chegar às Ramblas, notava que a cidade ficara suspensa num instante infinito. As pessoas tinham detido o passo e pareciam congeladas como figuras numa velha fotografia. Um pombo que levantava voo desenhava apenas o esboço esborratado de um bater de asas. Grãos de pólen flutuavam no ar como luz em pó. A água da fonte de Canaletas brilhava no vazio e parecia um colar de lágrimas de vidro.

Devagar, como se tentasse caminhar debaixo de água, conseguia internar-me no esconjuro daquela Barcelona parada no tempo até chegar ao limiar do Cemitério dos Livros Esquecidos. Uma vez ali detinha-me, exausto. Não conseguia compreender o que era aquela carga invisível que arrastava comigo e que quase não me deixava mexer. Levantava a aldaba e batia à porta, mas ninguém vinha abrir-ma. Batia outra vez com os punhos no grande portão de madeira. No entanto, o porteiro ignorava a minha súplica. Exânime, caía por fim de joelhos. Só então, ao contemplar o feitiço que arrastara à minha passagem, me assaltava a terrível certeza de que a cidade e o meu destino ficariam para sempre congelados naquele sortilégio e que nunca conseguiria recordar o rosto da minha mãe.

Era então, ao abandonar toda a esperança, que o descobria. O pedaço de metal estava escondido no bolso daquele casaco de colegial que tinha as minhas iniciais bordadas a azul. Uma chave. Perguntava-me há quanto tempo estaria ali sem que o soubesse. A chave tinha manchas de ferrugem e era quase tão pesada como a minha consciência. Com muita dificuldade conseguia, com as duas mãos, levantá-la até à fechadura. Tinha de usar o meu último alento para a fazer rodar. Quando já acreditava que nunca seria capaz, o ferrolho cedia e o portão deslizava para o interior.

Uma galeria encurvada adentrava-se no velho palácio, ponteadada por um rasto de velas acesas que desenhavam o caminho. Mergulhava nas trevas e ouvia a porta fechar-se nas minhas costas. Reconhecia então aquele corredor flanqueado por frescos de anjos e criaturas fabulosas que esquadriavam da sombra e pareciam mover-se à minha passagem. Percorria o corredor até chegar a um arco que se abria para uma grande abóbada e parava no umbral. O labirinto erguia-se à minha frente numa miragem infinita. Uma espiral de escadarias, túneis, pontes e arcos desenhados numa cidade eterna construída com todos os livros do mundo subia até uma imensa cúpula de vidro.

A minha mãe esperava ali, ao pé da estrutura. Estava deitada num sarcófago aberto com as mãos cruzadas sobre o peito, a pele tão pálida como o vestido branco que lhe envolvia o corpo. Tinha os lábios cerrados e os

olhos fechados. Jazia inerte no repouso ausente das almas perdidas. Aproximava a mão para lhe acariciar o rosto. A pele estava fria como o mármore. Então abria os olhos e o seu olhar enfeitiçado de recordações cravava-se no meu. Quando descerrava os lábios escurecidos e falava, o som da sua voz era tão atroador que embatia em mim como um comboio de carga e arrancava-me do chão, atirava-me ao ar e deixava-me suspenso numa queda sem fim enquanto o eco das suas palavras derretia o mundo.

Tens de contar a verdade, Daniel.

Acordei de repente na penumbra do quarto, encharcado em suor frio, para encontrar o corpo de Bea estendido a meu lado. Ela abraçou-me e acariciou-me o rosto.

– Outra vez? – murmurou.

Assenti e respirei fundo.

– Estavas a falar. Em sonhos.

– Que dizia?

– Não se percebia – mentiu Bea.

Olhei para ela e sorriu-me com o que pareceu ser pena, ou talvez fosse só paciência.

– Dorme mais um pouco. Ainda falta hora e meia para o despertador tocar e hoje é terça-feira.

Terça-feira significava que era a minha vez de levar Julián à escola. Fechei os olhos e fingi adormecer. Quando voltei a abri-los uns minutos mais tarde encontrei o rosto de Bea a observar-me.

– O que foi? – perguntei.

Inclinou-se e beijou-me ao de leve os lábios. Sabia a canela.

– Eu também não tenho sono – insinuou.

Comecei a despi-la sem pressa. Ia arrancar os lençóis e atirá-los para o chão quando ouvi passos ligeiros do outro lado da porta do quarto. Bea deteve o avanço da minha mão esquerda entre as suas coxas e soergueu-se apoiada nos cotovelos.

– O que foi, querido?

O pequeno Julián observava-nos, da porta, com uma sombra de pudor e inquietação.

– Está alguém no meu quarto – murmurou.

Bea suspirou e estendeu os braços. Julián apressou-se a refugiar-se no abraço da mãe e eu renunciei a toda a esperança em pecado concebida.

– O *Príncipe Escarlate*? – perguntou Bea.

Julián assentiu, compungido.

– O papá vai agora ao teu quarto e correr com ele a pontapés para que nunca mais volte.

O nosso filho lançou-me um olhar desesperado. Para que serve um pai senão para missões heróicas desta envergadura? Sorri-lhe e pisquei-lhe o olho.

– A pontapés – repeti, com a expressão mais furiosa de que fui capaz.

Julián permitiu-se um esboço de sorriso. Saltei da cama e meti pelo corredor em direção ao quarto dele. Recordava-me tanto o que eu fora com a sua idade, alguns pisos mais abaixo, que por um instante me perguntei se não estaria ainda enredado no sonho. Sentei-me na beira da cama e acendi o candeeiro da mesa-de-cabeceira. Julián vivia rodeado de brinquedos, alguns herdados de mim, mas sobretudo de livros. Não tardei a encontrar o suspeito escondido debaixo do colchão. Peguei no pequeno livro encadernado a preto e abri-o na primeira página.

O Labirinto dos Espíritos VII

Ariadna e o Príncipe Escarlate



Texto e ilustrações de Victor Mataix

Já não sabia onde esconder aqueles livros. Por muito que apurasse o engenho para encontrar novos esconderijos, o faro do meu filho detectava-os sem remédio. Passei as páginas de relance e fui de novo assaltado pelas recordações.

Quando regresssei ao quarto depois de ter mais uma vez confinado o livro ao alto do armário da cozinha – onde sabia que, mais cedo ou mais tarde, o meu filho ia dar com ele –, encontrei Julián nos braços da mãe. Haviam

ambos sucumbido ao sono. Detive-me na soleira a observá-los, protegido pela penumbra. Escutei-lhes a respiração profunda e perguntei-me o que teria feito o homem mais afortunado do mundo para merecer a sua sorte. Contemplei-os a dormir enlaçados, alheios ao mundo, e não pude evitar recordar o medo que sentira da primeira vez que os vira assim abraçados.